

## A importância da interculturalidade e da perspectiva da complexidade no processo de formação docente

The importance of interculturality and the perspective of complexity in the teacher training process

Josivânia Sousa Costa Ribeiro <sup>1</sup>

Maria José de Pinho <sup>2</sup>

Idemar Vizolli <sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho reflete sobre a relevância dos estudos da educação intercultural e da teoria da complexidade nos ambientes de formação docente. Para tanto, baseou-se metodologicamente em um estudo bibliográfico com abordagem qualitativa e exploratória, cuja dimensão pautou-se nas concepções de CANDAU (2011, 2012); MORIN (1990, 1998, 2000, 2001, 2015); MORAES (2012a, 2012b, 2015); PETRAGLIA (2011, 2012, 2013) dentre outros. Compreender a formação dos docentes, tanto a inicial como a continuada, é primordial para a ressignificação do papel docente diante das adversidades. Todavia, a atuação profissional deve valorizar o ser humano em todas as suas multimensionalidades. Por meio da formação, os docentes terão a oportunidade de conhecer, apreender, vivenciar experiências e desenvolver uma prática efetiva na escola, contemplando a interculturalidade e a complexidade. Ater-se às diferenças e às especificidades e reconhecer e respeitar os seres humanos em sua plenitude é valorizar a riqueza da diversidade humana existente no nosso planeta e a partir dela promover a inclusão. A superação da visão linear e disciplinar, do olhar que separa, fragmenta e compartimentaliza os fenômenos do universo, requer dos educadores uma nova visão que propõe aos estudantes uma noção do todo, concebendo-o como partes integradas, e que o todo compõe as partes. Para os docentes deixarem de reproduzir discursos cristalizados, preconceituosos e contribuir com a educação complexa e intercultural precisam conceber o processo de formação conectado ao desenvolvimento de sua prática e ter acesso ao entendimento teórico e reflexivo.

**Palavras-chave:** Complexidade; Formação Docente; Interculturalidade.

**Abstract:** This work reflects on the relevance of studies of intercultural education and the theory of complexity in teacher education environments. To this end, it was methodologically based on a bibliographic study with a qualitative and exploratory approach, whose dimension was based on the concepts of CANDAU (2011, 2012); MORIN (1990, 1998, 2000, 2001, 2015); MORAES (2012a, 2012b, 2015); PETRAGLIA (2011, 2012, 2013) among others. Understanding the training of teachers, both initial and continuing, is essential for the redefinition of the teaching role in the face of adversity. However, professional performance must value the human being in all its multi-dimensionalities. Through training, teachers will have the opportunity to learn, learn, experience and develop an effective practice at school, contemplating interculturality and complexity. Sticking to differences and specificities and fully recognizing and respecting human beings is to value the wealth of human diversity that exists on our planet and, from there, to promote inclusion. The overcoming of the linear and disciplinary view, of the look that separates, fragments and compartmentalizes the phenomena of the universe, requires from educators a new view that

1 Universidade Federal do Tocantins. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Participa do grupo de pesquisa RIEC-TO - Rede Internacional Investigando Escolas Criativas. E-mail: josivaniascr@uft.edu.br

2 Universidade Federal do Tocantins. Doutorado em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós - Doutorado em Educação pela Universidade do Algarve-Portugal. Bolsista de Produtividade do CNPq - PQ2.

3 Universidade Federal do Tocantins. Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

proposes to students a notion of the whole, conceiving it as integrated parts, and that the whole composes the parts. For teachers to stop reproducing crystallized, prejudiced speeches and to contribute to complex and intercultural education, they need to conceive the training process connected to the development of their practice and have access to theoretical and reflective understanding.

**Keywords:** Complexity; Interculturality; Teacher Training.

## Introdução

A educação brasileira interpelada pelo contexto social advindo dos seus primórdios, desde o período colonial marcado pela escravização e exclusão social. Desse modo, a educação ainda traz em seu bojo marcas de conflitos sociais, raciais, culturais, sexuais, ambientais, políticos, estéticos e éticos. É, uma gama de elementos que atenuam as diferenças e potencializam as desigualdades e que persistem na sociedade contemporânea. Assim, é salutar pensar em processos de formação dos educadores que agreguem nas discussões as dimensões da interculturalidade e da complexidade que coadunam em uma propositura de inclusão e de integração. Esse tipo de formação pretende banir a segregação e a fragmentação de conhecimentos dos processos educacionais formais.

A sociedade não é homogênea, mas plural. Nesse contexto, existem diferenças que fazem parte da vida complexa. Nesse cenário, Edgar Morin<sup>4</sup> (2015) explica a complexidade como aquilo que é tecido junto, que se entrelaça, que interliga o que estava desconectado com o intuito de unir o que havia sido fragmentado e separado por um paradigma tradicional. Moraes (2012, p. 147) complementa que a “organização do ensino obedece a um modelo de organização burocrático, com estruturas hierarquizadas, em que a maioria das decisões são tomadas no topo da instituição, num nível não muito próximo dos alunos”. Geralmente, as regras de controle e as propostas curriculares são feitas por pessoas distintas do local onde os alunos aprendem. O ensino é organizado por especialidades, funções, em que cada disciplina é pensada separadamente.

A interculturalidade, na visão de Candau (2012, p. 242), é concebida como um elemento fundamental “na construção de sistemas educativos e sociedades que se comprometem com a construção democrática, a equidade e o reconhecimento dos diferentes grupos socioculturais que os integram”. A partir dessa perspectiva ela se articula com a teoria da complexidade na medida em que ambas contemplam a inclusão e não podem ser concebidas a partir do pensamento reducionista, dualista, fragmentar e excludente. Vale ressaltar a importância da valorização do sujeito com suas especificidades e sua subjetividade, bem como, deve considerar a possibilidade do terceiro incluído<sup>5</sup> que, por anos, foi excluído por não entendimento de outra visão que não a linear, dualista.

---

4 Edgar Morin (2015 p. 13) estudioso e autor da Teoria da Complexidade afirma que a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico.

5 Moraes (2015 p. 72-73) *apud* Nicolescu (1995) observou que, na lógica clássica, temos o axioma identidade em que A é, simplesmente, a representação de A e o axioma da contradição em A é diferente de não A. Na lógica clássica, não existe uma terceira possibilidade de representação. Ou é isso ou aquilo. Exemplo, o que é onda não pode ser partícula. O que é local não pode ser global. Ou é uma coisa ou é outra. Ambas as possibilidades são mutuamente excludentes. Consequentemente, se um indivíduo permanece operando nesse nível de realidade, então seus níveis de conhecimento, de percepção e, consequentemente, de posicionamento serão considerados excludentes e antagonísticos. A física quântica modificou a lógica clássica mediante a descoberta do princípio de complementaridade de Bohr, ao introduzir a não contradição, com base no reconhecimento de uma terceira possibilidade de representação lógica. Existe, portanto, uma representação T que é produto da dinâmica entre A e não A. Essa possibilidade, fruto da tensão contraditória entre dois elementos, “A” e não “A”, integra a contradição ao se apresentar em um nível de realidade diferente. Assim, o que era desunido e contraditório passou a ser complementar ao se perceber a existência de uma coerência lógica entre as possibilidades de representação integradora de ambas.

É notável que, no ambiente escolar, assim como em outros espaços, existem práticas e atitudes discriminatórias e arraigadas de preconceitos, que podem deixar marcas irreparáveis na vida dos estudantes. Evidencia-se que essas ações vêm sendo reproduzidas pelos indivíduos formados por um processo histórico alicerçado no preconceito e na discriminação. Porém esses comportamentos não cabem mais na sociedade atual e muito menos na escola, que é o lócus de aprendizagem permeado de culturas, valores e crenças. Enfim, onde o conhecimento é construído para a formação integral dos estudantes.

Nesse viés, compreende-se a formação dos docentes, tanto a inicial como a continuada, como imprescindível para a compreensão do seu papel frente à adversidade humana. Nesta perspectiva, a atuação profissional deve valorizar o ser humano em todas as suas multimensionalidades, assim os docentes terão a oportunidade, por meio da formação, de assimilar conhecimentos, de vivenciar experiências e desenvolver uma prática efetiva na escola que contemple a interculturalidade e a complexidade.

Este texto tem como objetivo principal refletir sobre a relevância dos estudos da educação intercultural e da teoria da complexidade nos ambientes de formação docente com o intuito de desenvolver uma prática pautada na inclusão dos estudantes e que respeite as diferenças e especificidades. Assim, o texto está organizado em duas seções: compreensão da interculturalidade e da complexidade como uma condição humana e contextualização dos conceitos da interculturalidade e da complexidade interligando-os à formação docente.

### **Compreendendo a interculturalidade e a complexidade**

Como compreender a interculturalidade e a complexidade a partir dos aspectos epistemológicos e ontológicos? Será que os indivíduos têm consciência do valor da interculturalidade e da complexidade para a construção dos saberes em uma perspectiva reflexiva e inclusiva? Ou esta abordagem ainda se encontra silenciada nos contextos escolares?

Embora esses estudos existam há muito tempo, verifica-se ainda um distanciamento entre a teoria e a prática vivenciada nos ambientes educacionais. Nota-se que as práticas tendem, mesmo que de uma maneira velada, à homogeneização e à fragmentação. No âmbito escolar percebe-se ainda um currículo hegemônico que rejeita, liminarmente, qualquer diferença ou apenas admite-o enquanto desafio individual, em que o “diferente” tem de demonstrar capacidade de tornar-se igual a todos, ou seja, integrando-se na “normalidade” (CAVALCANTI, 2006 p. 13). No entanto, o ideal seria que os educadores rompessem com essas práticas e posturas e se conscientizassem que somos únicos e peculiares, embora tenhamos direitos iguais, como direito à educação, dentre outros.

Nesta perspectiva, Candau (2011) reforça a importância da concretização de uma escola democrática e justa no sentido de promover a igualdade sem negar a diferença. A autora diz que:

[...] a dimensão cultural é intrínseca aos processos pedagógicos, “está no chão da escola” e potencializa processos de aprendizagem mais significativos e produtivos, na medida em que reconhece e valoriza a cada um dos sujeitos neles implicados, combate todas as formas de silenciamento, invisibilização e/ou inferiorização de determinados sujeitos socioculturais, favorecendo a construção de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a valorização do outro, do diferente, e o diálogo intercultural. (CANDAU, 2011, p. 253).

Ater-se às diferenças e às especificidades é valorizar a riqueza da diversidade humana existente no nosso planeta e a partir delas promover a inclusão, reconhecendo e respeitando os seres humanos em sua

plenitude. As sociedades multiculturais devem caminhar em direção à interculturalidade entre os diversos povos e grupos, buscando o conhecimento e a compreensão das diferentes culturas e as possibilidades de relações positivas de intercâmbio e enriquecimento mútuo entre as diversas culturas do mundo. (SERRANO, 1996 *apud* SILVA, 2003).

Segundo Vieira (1999), a interculturalidade dá-se a partir do momento em que há comunicação entre os indivíduos e abertura para interagir com a cultura diferente. Para isso, há que se pensar numa “educação para o plural, o que implica reestruturar o sistema de atitudes que em cada um de nós é responsável pelas representações que temos dos outros – quer dizer, metamorfosear a identidade pessoal” (VIEIRA, 1999, p. 20).

Sob esse prisma, compreende-se que é preciso ir além do reconhecimento da diversidade cultural, é necessário estabelecer relações entre os sujeitos de diversas culturas. Para Catherine Walsh (2009):

A interculturalidade somente terá significado, impacto, e valor quando assumida de maneira crítica, como ação, projeto, e processo que procura intervir na reestruturação e reordenamento dos fundamentos sociais que racionalizam, inferiorizam e desumanizam, ou seja, na própria matriz da colonialidade do poder, tão presente no mundo atual (WALSH, 2009, p. 2).

A educação deve promover vivências que contemplem os indivíduos com o conhecimento e reconhecimento das diversas culturas e como autoconhecimento. Assim eles podem considerar a interculturalidade como relevante para o crescimento pessoal e social deles.

Contudo, para além de acolher os sujeitos, é preciso que seja dada a oportunidade a eles de dialogarem com suas diferenças e ouvirem a voz dos outros uma vez que:

[...] ao desqualificar o outro, sua voz, seus saberes, seus conhecimentos, sua percepção do mundo, esvazio qualquer sentido que possa existir na defesa do diálogo. Esvazio qualquer sentido que possa haver na palavra “democracia”. Esvazio qualquer sentido [...] que tenha a diferença como valor. Diferença entendida aqui como este profundo respeito e consciência do outro da legitimidade de seu lugar no mundo, respeito que me permite, mesmo no conflito, mesmo na disputa, instaura um espaço de negociação, ouvir o outro, e neste processo, ouvir-me através do outro. (SERPA, 2011, p. 165).

É preciso que as escolas possibilitem espaços de fortalecimento dos diálogos no sentido de valorizar e respeitar a diversidade presente nas sociedades plurais, superando posturas preconceituosas. Também que proponham o reconhecimento da interculturalidade como essencial na construção de uma educação mais humana que contemple todos no âmbito escolar.

Figueiredo (2010) reforça a compreensão desse modelo educacional como fundamental para problematizar os processos pautados no reconhecimento do outro e no diálogo que, por vezes, da história e da existência dos sujeitos em sociedade, além de vincularem-se a uma perspectiva acrítica, homogênea e de segregação.

A educação na perspectiva da interculturalidade propõe uma nova maneira de pensar e dialogar com “as relações de aprendizagem, contrapondo-se àquela tradicionalmente polarizada, homogeneizante e universalizante” (SOUZA; FLEURI, 2003, p. 73). Dessa forma, a escola deverá engajar-se em processos educativos desvencilhando da educação arraigada em práticas dominantes e excludentes. Corrobora-se com Azibeiro (2003) ao enfatizar a interação crítica e dialógica como forma profícua e educativa ao buscar compreender o que cada um quer dizer, mas também os contextos culturais a partir dos quais seus atos e suas palavras adquirem significado.

Entende-se que essa educação que compreende e incentiva a importância das interações entre os diferentes sujeitos se constitui num caminho possível a ser trilhado. Para isso é necessário que sejam

criados espaços na escola em que os preconceitos e comportamentos de exclusão sejam desfeitos e possam ser ressignificados, respeitando os valores de todos indistintamente. Nessa perspectiva, a educação deve estimular em seus processos formativos ações que visem o

[...]desenvolvimento da cooperação intercultural e reduzir os preconceitos e discriminações. A perspectiva moral aparece neste modelo orientada a melhorar as habilidades dos sujeitos para atingir uma melhor autocompreensão e estimular a cooperação intergrupal (MARTÍNEZ; CARRERAS, 1998, p. 133).

A escola deve reconhecer e proporcionar ações educativas que contemplem a interculturalidade no currículo, valorizando o diálogo entre as diversas culturas, possibilitando aos estudantes o acolhimento e o convívio em plenitude nos espaços democráticos e plurais sem discriminação e preconceitos.

### **Desmistificando a complexidade**

A mudança paradigmática da Ciência se inicia no século XX, com base na física quântica, e avança no início do século XXI tendo como desafio a construção de uma educação transformadora e humanizada. Com as contribuições das reflexões propostas por Edgar Morin (2000), a busca paradigmática tende a ultrapassar a visão conservadora do pensamento newtoniano-cartesiano que, além de fragmentar o conhecimento, carrega uma visão reducionista do mundo, uma linearidade e verdades absolutas.

Essa concepção de formação cartesiana, reducionista e mecânica, que prestigia o pensamento disjuntivo e separador já não cabe mais na sociedade contemporânea. É preciso avançar na construção complexa do ser humano, de sociedade, de mundo e de vida (MORIN, 2000).

A epistemologia da complexidade compreende a realidade como sendo multidimensional dada sua constituição complexa e o conhecimento construído como uma reconstrução do sujeito por meio de seu nível de percepção da realidade. Edgar Morin (2000) esclarece que:

*Complexus* significa o que foi tecido junto: de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constituídos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. (MORIN, 2000, p. 38)

A teoria da complexidade tem como característica a religação dos conhecimentos e saberes que estavam desconectados pelo paradigma conservador<sup>6</sup>. A proposta é “promover o diálogo entre as ciências e a busca das relações entre os diversos tipos de pensamento”. Esse pensamento busca “unir os múltiplos aspectos presentes no universo e os conhecimentos dispersos”. (PETRAGLIA, 2012 p. 130).

A superação da visão linear e disciplinar e do olhar que separa e compartimentaliza os fenômenos do universo requer dos educadores uma nova visão que propõe aos estudantes uma noção do todo, ou seja, que as partes integram o todo, e o todo compõe as partes. O pensamento complexo considera que as contradições.

Têm espaço de acolhimento sem preconceito ou exclusão. São opostos, diferentes e complementares que, se ligam numa teia multirreferencial que, inclui a objetividade e subjetividade, inerentes à condição humana, colocando-as num patamar de possibilidades constantes (PETRAGLIA, 2013, 52)

---

6 O paradigma conservador, desde o século XVII, tem como foco a razão a fragmentação do conhecimento, decorrente da visão linear, sectária e reducionista dos fenômenos no mundo (BEHRENS. M. A (2015 p. 27).

No ambiente educacional, tanto os educadores como os estudantes terão a possibilidade de terem uma visão complexa da realidade que os cerca sem desprezar o pensamento simplificador, mas integrando-o ao contexto global. Desse modo, podem ressignificar a maneira de pensar e agir frente ao contexto contemporâneo que requer posturas mais integradoras, humanas e solidárias.

A educação complexa deve ser compreendida como:

O devir, com o político e o pedagógico, destacando dessa relação o papel dos sujeitos na construção de sua identidade. Há de se levar em conta o respeito às diversidades étnicas, religiosas, de gênero, de orientação sexual e as culturas. Há de se valorizar as experiências sensíveis e estéticas, o equilíbrio da afetividade com a sexualidade, da emoção com a razão, da teoria com a prática e, estimular a convivência amorosa com o outro, com o meio ambiente (PETRAGLIA, 2013, p. 41)

A aproximação da realidade do estudante requer uma proposição de problemas e situações essenciais e significativas que gerem saberes relevantes para a vida e para a convivência dos seres humanos no planeta, “desapegando-se da visão da memorização dos conteúdos para decorar e fazer prova e que logo são esquecidos” (BEHRENS, 2015, p. 31).

Em um mundo marcado por incertezas, contradições, conflitos e desafios é necessário renunciar a visão estanque e reducionista de ver e de conviver no universo e buscar uma nova maneira de pensar, de se relacionar e de agir, integrando novas perspectivas e possibilidades. Assim, o reconhecimento da pertinência do pensamento complexo, para Moraes (2012), exige o enfrentamento de uma nova visão de mundo, na qual

Necessitamos de um pensar complexo, mais profundo e abrangente, que reconheça o mundo fenomenal constituído de totalidade/partes e que não fracione o ser humano em cabeça, tronco e membros, nem separe o indivíduo do mundo em que se vive. Um pensar complexo que compreenda que razão, emoção, sentimento e intuição são elementos inseparáveis em nossa corporeidade, que reconheça que, para se pensar bem, é preciso ter uma compreensão mais clara a respeito da dinâmica realidade e dos processos nos quais estamos envolvidos. (MORAES, 2012b, p. 21).

Esse paradigma direciona para interconexão das diversas áreas do conhecimento reunifica as partes e propõe caminhos para processos de aprendizagens que abranjam a produção de conhecimento crítico, reflexivo e transformador. Portanto, ele não pode ser linear, “a complexidade integra os modos simplificadores do pensar e conseqüentemente nega os resultados mutiladores, unidimensionais e reducionista” (PETRAGLIA, 2011, p. 58).

Os ambientes educativos devem promover aprendizagens em um estado de conexão com a vida, respeitando a diversidade na unidade, impregnando os estudantes com a experiência de ser, de pertencer e de cuidar do universo, de ser sensível e ter compaixão por seus semelhantes e por si (BEHRENS, 2015).

A mudança de pensamento precisa ser acompanhada da reforma do coração. Ela deve promover responsabilidade social e as ações desenvolvidas com vistas ao cuidado consigo e com o planeta. No bojo dessa discussão, Moraes (2012a, p. 20) aponta que é preciso “melhorar nossas habilidades de trocas, de solidariedade e intercâmbios, bem como desenvolver ações e projetos coletivos e solidários” e acrescenta “como humanidade, precisamos ter mentes mais abertas, de olhares mais atentos e solidários, de escutas mais sensíveis e amorosas”, para que possamos fazer a diferença no ambiente educacional e, quiçá, no planeta.

## **Contextualizando a interculturalidade e a complexidade na formação docente**

A interculturalidade e a complexidade são temas cada vez mais presentes nas discussões que acontecem no cenário educacional tendo em vista a sua relevância. Esses conceitos são discutidos por aqueles que buscam e lutam por uma educação cidadã e humana. Colocar em prática essa sabedoria tem sido o desafio dos que acreditam na educação como espaço de inclusão social, integração e valorização das culturas, identidades e saberes.

Ao longo do processo de formação docente, deve-se buscar a superação da percepção monocultural e da visão fragmentada configurada no paradigma tradicional ainda presente em algumas escolas. A formação, seja ela inicial ou continuada, é o espaço ideal para essas discussões não somente no sentido de reflexão, mas também de implementação de políticas existentes e de proporcionar novos caminhos a serem trilhados no contexto escolar.

Há que se proporcionar na formação estudos reflexivos com práticas pedagógicas que contemplem a diversidade, preparando os indivíduos para a incerteza, para o sistêmico, para o desenvolvimento do pensamento complexo. O que se pretende com isso é efetivar novos modos de pensar, agir, dialogar e compreender o contexto escolar total e, por conseguinte, a sociedade.

Nessa acepção, a educação intercultural

[...] é um processo tipicamente humano e intencional coerente com a pluralidade, dirigido à otimização do desenvolvimento de habilidades e competências referentes, em primeiro lugar, à diferença, à peculiaridade e à diversidade dos povos, e, em segundo, à própria identidade cultural dos demais e a das comunidades, de forma que resulte numa “cultura mestiça” ou de sínteses. (FERMOSO ESTÉBANEZ, 1998, p. 221)

A educação intercultural valoriza a pluralidade de culturas e a diversidade dos povos com suas identidades próprias. Neste sentido, não cabe à escola contemporânea reproduzir práticas excludentes e preconceituosas é preciso valorizar e reconhecer as assimetrias e integrá-las ao contexto escolar.

Atuar com a educação intercultural e complexa é um processo constante de intervenção nas relações entre teoria e prática. A escola deve ater-se a essas epistemologias propondo diálogo para a ruptura de uma visão reprodutora e resistente. Os espaços educativos são fundamentais para legitimação da completude dos indivíduos, da subjetividade e dos seus modos de vida.

Para Petraglia (2013, p. 44),

A cidadania planetária solidária e fraterna supõe o espírito de civismo terreno, o exercício das relações de alteridade, que aponta para o convívio com a diferença e para o diálogo com as contradições. A dialógica não emerge da unidade e do consenso, mas da diversidade e do pluralismo de ideias, que mantém o conflito saudável para a produção do conhecimento. É desse princípio que a complexidade se nutre [...].

A escola é o espaço em que as relações e ações são determinantes para uma educação emancipatória e inclusiva. Portanto, os docentes exercem um papel importantíssimo para a efetivação destas práticas no contexto escolar com vista à integração e à valorização da diversidade oriunda dos estudantes e da sociedade. Entende-se que essas questões se colocam no bojo da escola como um desafio, um dilema quanto à clareza epistemológica para conduzir processos tão complexos na contemporaneidade.

[...] para que possamos incentivar diálogos mais competentes entre o sujeito e objeto, entre a ciência, cultura e sociedade, entre indivíduo e contexto, educador e educando, ser humano e natureza e para a construção de uma base conceitual mais sólida para desenvolvimento de conversações e de novos estilos de negociação de significados, a partir da maneira como observamos a realidade e construímos o mundo ao nosso redor, é fundamental a abertura de nossas gaiolas epistemológicas, para que possamos transcender a lógica binária, superar os dualismos e perceber a complementaridade dos processos envolvidos. (MORAES, 2010, p. 13).

Vale ressaltar que a instituição escolar, ao trabalhar a formação de docentes com a perspectiva da interculturalidade e da complexidade, abre-se para dialogar e conhecer o outro em todas as suas multidimensionalidades, culturas e identidades sem julgamentos. O educador dialógico aceita lógicas distintas (VALLA, 1998), que podem até se oporem, mas não se sobrepõem. Ele reconhece a variedade e suas diferenças inerentes sem excluir ou desqualificar alguma peculiaridade em particular para afirmar a superioridade de outra.

Para tornar possível essa maneira de pensar, sentir e agir, valorizando a pluralidade que incorpora e articula ao invés de excluir, é necessária uma mudança paradigmática, é preciso compreender o mundo a partir das relações humanas diversas existentes nele. É necessário romper com a visão dualista, compartimentada, rígida e fragmentada que nos impede de pensar e agir nos contextos complexos. A ambição da complexidade, afirma Morin (1998 p. 176), “é dar conta das articulações despedaçadas pelos cortes entre as disciplinas, entre as categorias cognitivas e entre os tipos de conhecimento; entre a subjetividade humana e a objetividade científica”. Quando a educação religa o que está separado, ela valoriza as múltiplas composições e interações nos contextos variados.

No final do século XIX e entrada do século XX, os estudos e a ousadia de Morin mostram um novo jeito de olhar o mundo que busca um equilíbrio entre corpo, mente e espírito. Dentro dessa realidade, o sujeito apresenta-se em conexão constante com o conhecimento que, por sua vez, estabelece relações com o contexto e com outras áreas do saber.

A superação dos saberes desunidos exige a reforma paradigmática que, segundo Morin (2000, p. 36), precisa apontar para os saberes advindos da realidade e que propiciem a visão “multidisciplinar, transversal, multidimensional, transnacional, globais e planetários”. Esse é o grande desafio a ser enfrentado pela educação do presente com vistas a um futuro mais integrado e humano.

Pode-se dizer que a complexidade significa, para Edgar Morin (1990), uma tessitura comum que coloca como inseparavelmente associados o indivíduo e o contexto, a ordem e a desordem, o sujeito e o objeto, o professor e o aluno e todos os demais tecidos que regem os acontecimentos, as ações e as interações, organizações que tecem a trama da vida. Na visão de Morin (1990, p. 20), “complexo significa aquilo que é tecido em conjunto”.

Efetivar essa educação requer ações integradas que permitam aos estudantes e educadores uma construção de pensamento que

Busca sempre a relação de inseparabilidade e as inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com contexto planetário. O complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas[...] (CARVALHO; ALMEIDA, 2007, p. 21)

Diante dessa realidade, cabe à escola, por meio da formação dos docentes, possibilitar aos educadores a concepção epistemológica baseada na complexidade e na interculturalidade com o intuito de que as

práticas efetivadas no ambiente escolar venham a ser conectadas e articuladas, e que os estudantes sejam respeitados e valorizados na sua subjetividade.

### **Tecendo considerações**

O cenário educacional contemporâneo requer a (re)construção da profissionalidade docente para que possa lidar com os desafios e dilemas do cotidiano escolar que não são homogêneos e que necessitam de conhecimentos pertinentes para “reunir, contextualizar, globalizar nossas informações, nossos saberes, buscar, portanto um conhecimento complexo” (MORIN, 2001, p. 566).

A compreensão dos conceitos da interculturalidade e da complexidade são essenciais aos docentes que buscam na formação, seja ela inicial ou continuada, o pilar de sustentação para a transformação e conscientização de práticas que contemplem a diversidade e a subjetividade dos estudantes, respeite as especificidades e valorize ações e atividades que proporcionem a inclusão.

Precisamos encontrar uma nova via para a reorganização e reconstrução do fazer pedagógico que atenda aos estudantes de forma significativa e inclusiva. Esse caminho deve conter, sobretudo, uma ética complexa que implica respeito, isto é, preservação do direito do outro de ser diferente, solidariedade, amorosidade e generosidade. De acordo com o pensamento de Candau (2012, p. 51) “somente assumindo de modo consciente e crítico os processos de hibridização cultural presente na sociedade brasileira e favorecendo o diálogo intercultural” e acrescenta “seremos capazes de promover processos educacionais que articulem igualdade e diferença, universalismo, relativismo, globalização e pluralidade cultural, no nosso contexto”.

A formação docente é o caminho daqueles que acreditam que, a partir da sua atuação, podem contribuir para uma educação integral e inclusiva. A partir de novos conceitos, rever práticas desenvolvidas no cotidiano, com o intuito de aprimorar o trabalho docente. Ao conceber o processo de formação como essencial ao desenvolvimento de sua prática, os docentes reconhecem que não podem reproduzir discursos cristalizados, preconceituosos e, conseqüentemente, buscam o entendimento teórico e reflexivo com vista a contribuir com a educação complexa e intercultural nos contextos escolares.

### **Referências**

- AZIBEIRO, N. E. Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações e comunidades populares. In: FLEURI, R. M. (org) **Educação intercultural**. Mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BEHRENS, M. A. Contributos de Edgar Morin e Paulo Freire no Paradigma da Complexidade. In: BEHRENS, M. A; ENS, R. T. **Complexidade e Transdisciplinaridade**: Novas Perspectivas Teóricas e Práticas para a Formação de Professores. 1 ed. Curitiba: Appris, 2015.
- CANAU, V. M. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.
- \_\_\_\_\_. Sociedade multicultural e educação. Tensões e desafios. In: CANAU, V. M (org) **Didática Crítica Cultural**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- CAVALCANTI, J. C. A. **Do desconhecimento do Outro à Interculturalidade**: a vida (re) escrita no processo de formação profissional. Cadernos de Estudo. Porto: ESSE de Paula Frassinetti. n. 4, 2006, p. 9-21.

- FIGUEIREDO, J. B. A. **A educação ambiental e educação intercultural no contexto da formação docente**. Santa Catarina: Editora Unoesc/ Visão Global, v. 13, p. 167-187, 2010.
- FERMOSO ESTÉBANEZ, P. Concepto, historia, objetivos e ideologias de la educación intercultural. In: BOUCHÉ PERIS, H. et al. **Antropología de la educación**. Madri: Dykinson, 1998.
- GARCÍA MARTÍNEZ, A; SÁEZ CARRERA, J. **Del racismo a la interculturalidad**. Competencia de la educación. Madri: Narcea, 1998.
- MORAES, M. C. Edgar Morin: Peregrino e educador planetário. In: MORAES, M. C a. ALMEIDA, M da C. (orgs). **Os setes saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro. Walk Editora, 2012b, p. 47-82.
- MORAES, M. C. Ecologia dos saberes: complejidad, transdisciplinariad y educación del siglo XXI. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE TRANSDISCIPLINARIEDAD, COMPLEJIDAD Y ECOFORMACIÓN, 5, 2012, Barranquilla, Colombia. **Anais...**Barranquilla, Colômbia, 2012<sup>a</sup>, p. 14-41.
- \_\_\_\_\_. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Transdisciplinaridade, Criatividade e Educação: Fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Colaboração NAVAS, J. M. B. Campinas, SP: Papirus, 2015.
- MORIN, Edgar; CARVALHO, Edgar de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de(orgs). **Educação e Complexidade: Os setes saberes e outros ensaios**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MORIN, E. **O paradigma perdido**. A natureza humana. Sintra: Europa-América, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O método 4: As ideias**. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulima, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- \_\_\_\_\_. Os desafios da complexidade. In: MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Tradução e notas Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001, p. 559-567.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. Educação e complexidade: os setes saberes na prática pedagógica. In: MORAES, M. C; ALMEIDA, M. da C. **Os setes saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento complexo e educação**. 1<sup>a</sup> edição. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.
- SERPA, A. **Cultura escolar em movimento: diálogos possíveis**. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- SILVA, G. F. Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação. In: FLEURI, R. M. **Educação: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SOUZA, Maria Izabel Porto; FLEURI, Reinaldo Matias. Entre limites e limiars de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M (org.) **Educação Intercultural**. Mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- VALLA, V. Movimentos sociais, educação popular e intelectuais: entre algumas questões metodológicas. In: **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: Mover/NUP, 1998.
- WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas**. Congresso da Association Internationale Pour la Recherche Interculturelle (ARIC). Diálogos interculturais: Descolonizar o saber e o poder. Florianópolis, 2009.